DOI: 10.67503/2595-153X.v48n56.629

Transmissão psíquica entre gerações: uma breve introdução teórica e clínica

Psychic transmission between generations: a brief theoretical and clinical introduction

Fernanda Ribeiro Palermo[*]

Resumo

O presente artigo tem por objetivo fornecer bases introdutórias do conceito de transmissão psíquica entre gerações sob o enfoque teórico e clínico em psicanálise. A transmissão psíquica entre gerações é ancorada na concepção de sujeito pertencente a uma cadeia genealógica, elo em uma linhagem, guardião e participante da historicidade cultural e familiar. Partiremos da obra de Freud e seguiremos para as teorizações de René Kaës e do casal Nicolas Abraham e Maria Torok. A mitologia familiar será contemplada, uma vez que ela compõe a temática da transmissão via narrativas e historicização. Por fim, a clínica será abordada a partir das conceituações propostas por Haydée Faimberg.

Palavras-chave: Transmissão psíquica entre gerações. Herança psíquica. Mitologia familiar.

Abstract

This article aims to provide an introductory basis for the concept of psychic transmission between generations from a theoretical and clinical perspective in psychoanalysis. Psychic transmission between generations is anchored in the concept of a subject belonging to a genealogical chain, a link in a lineage, guardian and participant in cultural and family historicity. We will start with Freud's work and move on to the theories of René Kaës and the couple Nicolas Abraham and Maria Torok. Family mythology will be considered, as it forms part of the theme of transmission through narratives and historicization. Finally, the clinic will be approached based on the concepts proposed by Haydée Faimberg.

Keywords*: Psychic transmission between generations. Family mythology. Psychic inheritance.*

[*] Psicanalista e Psicóloga Clínica. Mestre e Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com estágio doutoral na *Université de Paris*. Pós doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Membro efetivo da Associação Brasileira de Psicanálise de casal e família (ABPCF). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. fernandapalermo.fp@gmail.com

> Diz-se em Nkokolani, a nossa terra, que o nome do recém-nascido vem de um sussurro que se escuta antes de nascer. Na barriga da mãe, não se tece apenas um outro corpo. Fabrica-se a alma, o moya. Ainda na penumbra do ventre esse moya vai-se fazendo a partir das vozes do que já morreram.
>
> *Mia Couto*

Introdução

A transmissão entre gerações, ao longo dos séculos, fiou o tecido cultural e as subjetividades. Por transmissão, engloba-se a materialidade, mas, principalmente, a imaterialidade. O que se transmite e o que se herda são tradições, afetos, histórias, memórias, signos representativos de tempos históricos que compõem a ligação entre sujeitos e gerações. Somos hoje, porque outros foram antes. A existência do sujeito é indissociada dos que o antecederam. A ancestralidade é celebrada em etnias indígenas e africanas, e as ciências humanas se ocuparam de desvelar esse efeito espiralar entre gerações – o que permanece e se transforma a cada tempo histórico e o tempo ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, de não linearidade, de simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro (MARTINS, 2021). Propomos, assim, um olhar para a transmissão entre as gerações, sob a ótica do inconsciente, tomando como referencial a corrente francesa, em destaque o pensamento de René Kaës.

A transmissão psíquica entre gerações é ancorada na concepção de sujeito inscrito na cadeia genealógica, portador de conteúdos, traços e afetos que mantêm a continuidade da cultura e asseguram a historicidade familiar. A família, como grupo primário, com seus elementos culturais e históricos, e os grupos secundários, são vetores de onde se realiza a transmissão. Além de sustentar, física e psiquicamente o bebê, a família tem como função primordial a transmissão de afetos e conteúdos, conscientes e inconscientes, que circulam desde os ancestrais e que vão em direção aos descendentes. Sob a ótica intersubjetiva, há um tecido no interior da família, composto por elementos constitutivos e traumáticos, no qual o bebê é envolvido e passa a participar, interferir e ser agente de transmissão e transformação (PALERMO, 2024).

O presente artigo tem por objetivo fornecer bases introdutórias do conceito de transmissão psíquica entre gerações sob o enfoque teórico e clínico. Para tanto, iniciaremos com a obra de Freud e seguiremos para as valiosas contribuições de René Kaës e do casal Nicolas Abraham e Maria Torok. Passaremos pela mitologia familiar que compõe a temática da transmissão via nar-

rativas e historicização e, por fim, a clínica será brevemente contemplada a partir das conceituações propostas por Haydée Faimberg.

A transmissão psíquica em Freud

A obra de Freud forneceu os aportes iniciais para pensar sobre a dimensão intersubjetiva na constituição psíquica e para a construção de dispositivos de grupo. Ao longo de sua obra, é possível rastrearmos os elementos que compõem a transmissão psíquica e a própria ideia de transmissibilidade e de herança – o ponto de destaque é a constante dialética entre intrapsíquico e intersubjetivo. Desde os estudos referentes à histeria, Freud investiga a etiologia das neuroses e sua transmissibilidade por via psíquica, sob a referência da hereditariedade.

Nos textos *A hereditariedade e a etiologia das neuroses* e *Etiologia da histeria*, ambos de 1896, ele propõe o debate sobre a teoria da degenerescência, buscando alternativas à transmissão biológica hereditária e lançando luz à análise do sintoma por meio da história do paciente. Com afinco, busca por respostas que não se limitassem às evidências biológicas, sem prescindir delas, chegando à proposição de a histeria evidenciar a atuação de processos inconscientes que operam no sujeito e no seu corpo, em uma dimensão traumática – há algo do outro no sujeito que o atravessa e que o pré-determina, marca da gênese da histeria.

Em 1900, em *Interpretação dos sonhos*, ele investiga o que é transmitido e o que se transfere na passagem da vigília para o sono e do inconsciente para o pré-consciente, até a consciência. Percebendo que no sonho ocorre a regressão ao mais primitivo, Freud afirma que por trás da infância do indivíduo há a imagem da infância filogenética – "uma imagem do desenvolvimento da raça humana, da qual o desenvolvimento do indivíduo é, de fato, uma recapitulação abreviada, influenciada pelas circunstâncias fortuitas da vida" (p. 453). Afirma que tanto os sonhos quanto as neuroses preservam mais antiguidades anímicas do que era possível imaginar, levando a psicanálise a reivindicar para si "um lugar de destaque entre as ciências que se interessam pela reconstrução dos mais antigos e obscuros períodos dos primórdios da raça humana" (p. 601).

Em *Totem e tabu* (1912-13), o destaque é dado ao que se transmite de geração em geração. A relação com o totem era o pilar da organização social, antecedendo a vinculação filiação tribal e as relações consanguíneas. O totem reunia e protegia os membros do clã, funcionando como mito de origem, da

cultura e da sociedade. A refeição totêmica reconstrói a mítica da origem do grupamento social, das relações de poder e do vínculo entre membros do clã. O animal comido por todos simboliza a incorporação narcísica e o pertencimento ao vínculo que os une, sendo um substituto do pai. Os homens estariam ligados a um corpo comum, a elementos ancestrais. O assassinato do pai despótico pelos filhos visaria a proteção dos interesses do grupo, dando origem às premissas das leis sociais, das interdições e, por conseguinte, das leis interiorizadas. A tradição é transmitida às gerações seguintes, levando a concepção de que a herança arcaica do grupo antecede o sujeito.

Despontam sentimentos ambivalentes: ódio ao pai tirânico e culpa sentida por seu assassinato. Tal como a neurose é herdeira do sentimento de culpa, a ambivalência, o sacrifício e o terror, ligados ao tabu, estão presentes nas fantasias grupais e familiares. Quem viola a interdição, torna-se tabu, relegado a sacrifícios de parte de si ou da totalidade de seu ser, a fim de que o vínculo com o grupo sobreviva. Ainda em Totem e tabu, ao citar Goethe "Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu", Freud faz alusão ao sujeito da herança dividido entre ser um fim para si mesmo e elo em uma cadeia à qual está sujeito sem participação voluntária, consciente. A dimensão intersubjetiva se evidencia no assujeitamento àquilo que precede o sujeito, em contrapartida que viabiliza sua constituição psíquica. A origem nos escapa, logo somos constituídos no e pelo desejo do outro e dos outros que nos precedem.

Já em *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud aponta para a existência dupla do sujeito, tanto singular quanto elo em uma corrente geracional: "O indivíduo leva realmente uma existência dúplice: uma para servir as suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente, que ele serve contra a sua vontade ou pelo menos involuntariamente" (FREUD, 1914/1996, p. 85). Ele é o veículo mortal de uma substância imortal, herdeiro de uma propriedade inalienável, sendo o dono temporário de um patrimônio que será transmitido. O narcisismo primário, investimento libidinal do bebê no próprio corpo, é sustentado pelo amor dos pais e potencializado pela satisfação narcísica deles, que remonta às suas próprias infâncias. O bebê herda o ideal de eu parental, como também o que falta, o que restou como lacuna. Os sonhos parentais envolvem a "sua majestade o bebê" com desejos e traumas, o que alude ao fato de o sujeito do inconsciente ser o sujeito da herança.

O texto *Pulsões e seus destinos* (1915) tem por objeto os destinos pulsionais e o processo civilizatório. A pulsão, definida como "um conceito fronteiriço entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos

que provêm do interior do corpo e alcançam a alma" (FREUD, 1915/1996, p. 78), atua sobre o psiquismo de maneira inegável; demanda trabalho, ligação e representação. A partir de sua origem somática, a pulsão se apresenta por vias ideativas e afetivas, formas de energias psíquicas que precisam ser mediadas pela presença de um outro, a fim de que se desdobrem, a partir desse encontro, caminhos de simbolização. O funcionamento caótico e enérgico pulsional requer a presença de um outro que possa atuar como regulador de sua intensidade – logo, a corporeidade tem marca da relação com o outro, com a subjetividade do outro. Como veremos adiante, o traumático das gerações anteriores repercute nos vínculos intersubjetivos e pode fomentar a não ligação pulsional no psiquismo das gerações seguintes.

Mais adiante, ao descrever as especificidades da vida no grupo em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1920) Freud sustenta que os vínculos emocionais constituem parte significativa da essência da mente grupal, pelo fato de o grupo se manter pelo atributo de Eros – ainda que seja preciso abandonar parte do investimento libidinal para manter esse vínculo. Ocorre uma redução do investimento narcísico no próprio eu que se dirige para o grupo, visto que a única barreira do amor pleno por si seria o amor e a vinculação aos objetos.

O mecanismo de identificação está na base das ligações estabelecidas no grupo por meio dos vínculos. A "identificação constitui a forma mais primitiva e original do vínculo emocional" (FREUD, 1920/1996, p. 116), alicerçando a transmissão intersubjetiva. De início, a identificação é ambivalente e produto da fase oral da organização libidinal, em que o objeto é incorporado, suprimido. O próprio objeto edipiano, ao qual é preciso renunciar, também é incorporado no processo identificatório e, de certa maneira, destruído. Em jogo estão questões concernentes ao eu e à relação com a realidade externa, à dialética entre investimento narcísico e objetal e ao despontar de afetos, sofrimentos e sintomas.

Posteriormente, no texto *Eu e o Id* (1923), Freud trabalha a hereditariedade e a herança nos traços psíquicos. Cunha as instâncias Id, Eu e Supereu e põe ênfase na relação do sujeito com o outro. Afirma ser o id hereditário, o eu, derivado do id, e o supereu herdeiro do complexo de Édipo. As marcas da transmissão de heranças ancestrais no id impactam o eu e o supereu, compondo a ideia do inconsciente hereditário marcado por aquisições ao longo da humanidade. O sujeito é tanto receptor da herança como promotor do desvio e da elaboração do recebido de tempos precedentes.

Por fim, no *Mal-estar da Civilização* (1930), Freud evidencia a necessidade da renúncia à satisfação total das pulsões para haver a proteção da cultura e

da vida em sociedade. É preciso sublimar as pulsões para viabilizar a vida em comum, civilizatória, como também para promover os processos de singularização. Afirma que o sujeito está diante do impasse no qual as regras que regulam a civilização e a família também são fontes de sofrimento, e a transmissão da cultura ocorreria por meio do supereu cultural.

A transmissão inter e transgeracional

A transmissão psíquica entre gerações carrega os pressupostos da precedência do grupo em relação ao sujeito, da genealogia, das heranças e da mitologia familiar. O sujeito é herdeiro de múltiplas experiências ancestrais. A família, com suas glórias e sofrimentos, é o primeiro grupo em que o sujeito se insere, e de onde receberá uma escritura que se tornará parte de sua biografia. Como a origem não é destino, ainda que o sujeito seja tributário do que o antecede, um contínuo trabalho inconsciente de transformação, elaboração e ressignificação a cada geração é operado – elo da corrente genealógica. Como afirma Kaës (1993), há urgência em transmitir, como também, em interromper transmissões. O autor afirma que o que se transmite são objetos constituídos por diversas modalidades identificatórias, ideais, afetos, modos de vinculação – a relação com a subjetividade do objeto e não somente o objeto. Sob essa ótica, o sujeito alcança sua singularidade por meio do grupo, da cultura e de sua pré-história, por vias inconscientes. O lugar do outro na constituição psíquica possui outro colorido: "o sujeito é primeiramente um intersujeito" (KAËS, 2011, p. 32).

Seguindo as proposições de Kaës sobre a transmissão psíquica entre gerações, aquela que fornece sustentação e contenção ao sujeito é nomeada de transmissão intergeracional. Ela opera via conteúdos metabolizados e simbólicos que inscrevem a cultura e as origens no psiquismo do sujeito, e ele na genealogia familiar. Transmitida pela geração mais próxima, seus elementos são abrigados pelo sujeito – um estranho / familiar que viabiliza a aquisição do sentimento de pertencimento. Podemos inferir que tal como na refeição totêmica, o sujeito recebe o alimento que fornece nutrição narcísica que o faz um semelhante. Por outro lado, a partilha pode funcionar como incorporação de um estranho que o aliena, o que designa a transmissão transgeracional.

A transmissão transgeracional ocorre ao longo de gerações e diz respeito aos elementos que não puderam ser contidos e elaborados. Os traumatismos vividos pelas gerações anteriores, geradores de vergonha, tornam-se segredos e imperativos psíquicos inconscientes. Diante do que precisa ser escondido,

não dito, esquecido, vão sendo criadas, ao longo das gerações, fraturas e cisões psíquicas que operam na interdição de pensar, de questionar, de ter curiosidade, do desligamento, ensejando silenciamento. Isso ocorre de forma a salvaguardar o narcisismo familiar e evitar o reviver do sofrimento, ainda que ele permaneça latente e se expresse no obstáculo ao alcance ao íntimo e à intimidade (EIGUER, 2004; PALERMO, 2024).

O mundo interno do sujeito é pautado por aquilo que o habita, mas que ele desconhece – um corpo estranho que aciona uma desconexão afetiva. O sujeito aloja em seu corpo a potencialidade traumática. Lacunas e lutos não elaborados são transmitidos e captados por vias identificatórias. Quando algo do traumático desponta, o temor da revelação leva a um ataque à percepção – "são coisas da sua cabeça", "isso não existe" –, e ao acionamento de mecanismos de defesa que visam a diminuição da angústia familiar. Para que nada irrompa, os espaços psíquicos são reduzidos e os tempos sobrepostos. Dá-se uma confusão nas dimensões de tempo e de espaço e um imperativo de, assim, origem ser destino.

As patologias da transmissão, devido à invasão dos conteúdos sem tradução, configuram-se em marcas no corpo – o lugar do primeiro registro de investimento libidinal e afetivo. A tradução do mundo é mediada, primeiramente, pela parentalidade; todavia, se o psiquismo dos que cumprem essa função possui marcas nefastas da transgeracionalidade, dar-se-ão impactos no processo de subjetivação: a suscetibilidade na função de escudo protetor enseja problemáticas narcísicas, psicossomáticas e adicções futuras, entre outras.

René Kaës: o singular plural

A importância da obra de René Kaës sobre o processo de subjetivação contemporânea e para os estudos da transmissão psíquica entre as gerações é indiscutível. O autor formulou uma complexa metapsicologia, nomeada metapsicologia do terceiro tipo (KAËS, 2011), em que propõe uma nova visão do sujeito do inconsciente ao ressaltar a existência no psiquismo de organizações dotadas de características grupais e de heranças advindas da transmissão entre gerações. Em sua teorização há uma constante relação entre o eu e a alteridade, entre o que é da ordem da unidade e o que é da ordem do múltiplo, o que organiza a vida intrapsíquica e a do grupo. Recorrendo à metafísica e à filosofia, o autor afirma que o sentido do viver está na busca de um "ser-em-grupo", que está atrelado a um tempo anterior de "ser-grupo" (2011).

Professor emérito da Universidade de Lyon II, na França, herdeiro da discussão sobre os primórdios da vida psíquica e do funcionamento de grupo de Didier Anzieu, seu orientador de doutorado, e leitor rigoroso da obra de Freud, na qual faz um rastreio e releituras, Kaës se dedica a pesquisas sobre os vínculos intersubjetivos e sobre a grupalidade psíquica. O pilar de sua proposição é o de a realidade psíquica inconsciente ser concebida a partir de certas exigências colocadas pelo grupo e formada pelos vínculos inconscientes estabelecidos entre os seus membros. O vínculo não se sobrepõe à relação de objeto, possui uma dinâmica, movimento e topologia específicas e atua nas descontinuidades da vida. Trata-se de configurações de vínculos compostas por vida e morte – um tecido que se entrelaça, deslaça e reenlaça constantemente ao longo do tempo.

Em sua visão, o sujeito do inconsciente é o do vínculo, do grupo e da herança – um sujeito singular plural. A concepção de transmissão psíquica proposta pelo autor considera um sujeito que habita e é habitado por vários espaços psíquicos intersubjetivos, logo o que está em jogo na transmissão é a própria formação do inconsciente e os efeitos na subjetividade produzidos pela intersubjetividade. O que é transmitido e o que faz parte da história dos antepassados pode sustentar e assegurar o sujeito, como deixá-lo à deriva. A transmissão, em sua face problemática, ao incidir nos vínculos familiares manifesta o que não pôde ser contido, retido e que não está acessível à memória, mas permanece no psiquismo familiar e nos corpos sem inscrição e é transferido às gerações posteriores (PALERMO, 2024).

As alianças inconscientes são via da transmissão psíquica entre gerações e alicerces de todo vínculo inconsciente – formações psíquicas comuns e partilhadas que se enlaçam na conjunção de relações inconscientes que mantêm os sujeitos vinculados entre eles e ao conjunto ao qual estão ligados (KAËS, 2001). As alianças tornam possível o acesso à comunidade de direitos, à proteção contra violências e a solidariedade, na medida em que os sujeitos renunciem à realização direta das pulsões. Isto posto, elas possuem uma função organizadora tanto no pacto social quanto nos psiquismos, ainda que em sua face ofensiva possa operar no sentido destrutivo.

As alianças estruturantes primárias têm referência à sintonia primária entre mãe e bebê e à assimétrica troca existente entre os dois na área de ilusão onde circulam as fantasias. A noção de contrato narcísico (AULAGNIER, 1975) é recuperada em função do investimento narcísico vital que ocorre nos primórdios da vida – via de vinculação inconsciente do bebê aos pais, à família, às gerações anteriores e ao grupo social. Ao bebê é designado assegurar a

continuidade da família em troca do seu reconhecimento por ela. Bebê e família são banhados narcisicamente. O contrato é, assim, paradigmático para a efetivação do vínculo filial e cultural, o que pode ser dificultado se a transmissão transgeracional fragilizar os pilares narcísicos familiares.

Já as alianças inconscientes metadefensivas têm como base o pacto denegativo: em todo vínculo atuam investimentos mútuos, renúncias, sacrifícios e restos, com faces positivas e negativas. Por essa característica, o pacto denegativo pode estar a serviço da sustentação do vínculo, como também alienar os sujeitos. Ele opera como contraface e complemento do contrato narcísico, como aponta Fernandes (2005). Quando um pacto denegativo alienante atua, o silenciamento de uma realidade surge a fim de manter a coesão social ou familiar. Na medida em que o acesso é interditado ao passado dos pais e das gerações precedentes, um comunicado de silêncio circula, segundo o qual questionar ou até mesmo pensar é transgredir as alianças e pôr o vínculo em risco. As alianças defensivas patológicas possuem, portanto, um caráter alienante, caracterizadas por recusas, contratos perversos e pactos narcísicos.

Em síntese, a transmissão envolve um processo de ligações entre aparelhos psíquicos que opera transformações – uma matriz transformadora entre e através das gerações. Toda essa operação tem a marca da intersubjetividade e se efetiva por meio de processos identificatórios em coconstrução. As alianças inconscientes estão na base da realidade psíquica do vínculo, tendo como função mantê-lo, assegurá-lo, definir as regras em jogo, em investimento mútuo, e garantir a permanência do grupo no tempo, permeadas pela transmissão inter e transgeracional.

Legados, pactos, alienações, transmitidos entre as gerações, podem evidenciar fraturas no registro simbólico familiar. Tudo o que ameaça a sustentação das alianças pode ser silenciado e relegado ao esquecimento – apagamento de conteúdos dolorosos que podem ressurgir nas gerações posteriores através de uma confrontação agoniante: um estranhamento que habita a interioridade do sujeito e que pode ser sentido na corporeidade e nos vínculos.

Nicolas Abraham e Maria Torok: criptas e fantasmas

Nicolas Abraham e Maria Torok, casal húngaro que se dedicou à temática dos efeitos dos lutos não elaborados e da transmissão psíquica entre gerações no psiquismo tinha as marcas do traumático em suas subjetividades. A Segunda Guerra atravessa suas vidas: Abraham perde grande parte da família dizimada

e migra para a França, onde vive escondido durante a ocupação nazista, e, posteriormente, seu filho se suicida. Torok, por sua vez, permanece em Budapeste durante a guerra, migrando já no final, e passa pelo suicídio da mãe.

O vínculo de cumplicidade e de trabalho do casal viabilizou uma profícua construção teórica. Herdeiros do pensamento de Ferenczi, é possível ver os efeitos dos conceitos de trauma e de introjeção em suas elaborações, o que ensejou as concepções de cripta e de fantasma. O casal reorienta o entendimento sobre as origens e sobre o despontar do psiquismo, lançando luz para o papel da herança e da transmissão – papel outrora dado por Freud à sexualidade. No rastro da transgeracionalidade, percebem que os eventos traumáticos acionam vergonha e oportunizam segredos familiares, causando impacto na espontaneidade e na consistência dos vínculos, em destaque para os de filiação.

Os autores partem da visão de o processo introjetivo dizer respeito a um movimento natural do desejo, sendo uma forma de assimilação, com potencial criativo, por meio do contato do sujeito consigo mesmo mediado pelo outro. Uma linda imagem por eles sugerida é a de "experiências de boca vazia" (ABRAHAM & TOROK, 1972), que diz do primeiro paradigma da introjeção ser o de aprender a preencher o vazio da boca com palavras. Essa operação ressalta a importância dos vínculos humanos, visto que a linguagem passa a suprir a ausência do objeto, figurando sua presença.

A incorporação desponta da falha do processo de introjeção, e revela um impedimento à elaboração das vivências. Os autores cunham o conceito de fantasia de incorporação (ABRAHAM & TOROK, 1972) para elucidar a não articulação entre trauma e discurso. Na ausência de palavras, o sujeito se expressa pelo agir. Isso ocorre pelo fato de a fantasia de incorporação introduzir no corpo partes de um objeto: para não engolir a perda, imagina-se engolir o que está perdido sob a forma de um objeto, como uma "solução mágica" que subtrai o trabalho de luto. O vazio da boca se converte em uma boca ávida de alimento antes da aquisição da fala. Quando a nutrição não vem de palavras, a boca introduz, através da fantasia, a pessoa inteira ou parte dela, como depositária do que fica sem nome. Segundo Azevedo (2021), o luto não elaborado aduz a uma operação inconsciente em que um, que não deveria estar ali, ocupa o lugar do outro sem que o portador tenha consciência do fato.

Em família, um descendente pode ser portador de uma herança com carga transgeracional que atua como uma clivagem que o aprisiona na cripta familiar e revela a atuação de fantasias de incorporação. O conceito de cripta alude a um lugar onde se esconde o segredo da realidade vergonhosa, que precisa ser mantido como tal, atuando como uma barra na comunicação.

Independentemente da origem do conteúdo da cripta, ela se realiza por palavras que se mantêm indizíveis e pelo efeito do traumático que repercute nos vínculos. O sujeito carrega um segredo e a vergonha a ele atrelada através de processos de incorporação. O traumático ligado à transgeracionalidade é da ordem do irrepresentável, um passado que figura no presente ainda que sob a forma de não pensamento e de marcas corpóreas e ativações sensoriais (PALERMO, 2024).

O indizível se encontra no ventre da cripta, "semelhante às corujas em uma vigilância sem descanso; palavras enterradas vivas" (ABRAHAM & TOROK, 1987, p. 240). Quando há segredo e vergonha, algo não pode ser dito, pensado, muito menos partilhado. A ausência de palavras no sujeito criptóforo equivale a um interdito, tornando-se inominável. A construção da cripta ocorre, então, pelo fato de o desejo do sujeito, não podendo ter lugar na vivência de ambivalência, ser enterrado em um lugar inacessível do psiquismo.

A clivagem dá origem à cripta, e o segredo vergonhoso precisa ser afastado, de forma a perpetuar um prazer clandestino perdido que atua como ideal de eu. Segundo os autores, diante da recusa de introjetar a perda do ideal, ocorre a destruição da linguagem simbólica abrindo caminho para os fantasmas. A assombração do fantasma, mais especificamente, do fantasma patológico, advém pela lacuna no dizer dos pais, que altera o processo de introjeção do(a) filho(a). Quando os silêncios não possuem segredos, a boca pode ser preenchida de palavras, e a linguagem vigora como um instrumento de diferenciação. Todavia, no campo do segredo patológico, a criança é habitada por obstáculos sentidos por um estranhamento em seu corpo e em seu agir.

A constante atuação dos efeitos traumáticos reafirma a presença do fantasma, que, por sua vez, funciona como um ventríloquo. É como um estranho em relação ao próprio sujeito, mas que fala através dele, revelando fraturas nos processos de introjeção e de simbolização. Por não ter havido um acesso ao que foi "enterrado", os efeitos da cripta são sentidos nas gerações posteriores, assombradas pelo fantasma. Nas famílias que portam segredos pode ocorrer uma dubiedade entre identificação ao ideal de eu e aos ideais a serem cumpridos como mandatos transgeracionais. O sujeito atado em projeções, pode agir como resposta aos enigmas, em busca de sentido de existência e de alteridade.

A mitologia familiar

A presença da mitologia na vida humana é constituinte e vitalizante. Por meio de signos que estabelecem ligação entre a realidade partilhada e a his-

tória pessoal, o mito apresenta o primeiro conhecimento sobre o sujeito e seu contexto familiar e histórico. Segundo Anzieu (1978), não existe nem sujeito sem fantasias e tampouco uma sociedade sem mitos, pois ambos carregam modos de vida e de pensamento marcados pela dialética intrapsíquico e intersubjetivo.

Na etimologia grega, *mythos*, significa palavra, o que é dito, forma de linguagem associada a acontecimento. É uma narrativa sobre as origens transmitida de geração a geração, via transmissão oral, narrativa, com função simbólica. O movimento é espiralar, vivo e aberto a recriações que garantam a continuidade histórica a partir da origem e a procura de um tempo perdido. O mito é incontestável e inquestionável, ainda que seja vivo e possa se transformar. Ele carrega a transmissão da cultura e das origens ao responder questões fundamentais do humano: de onde viemos, para onde vamos, qual o sentido da vida, em uma operação inconsciente.

Ferreira (1963), um dos precursores nos estudos sobre os mitos familiares, dedicou-se à articulação entre mito familiar e disfuncionalidade nas famílias. Segundo o autor, os mitos familiares abrangem um sistema de crenças e convicções partilhadas que são inconscientemente aceitas, ainda que possam apresentar uma irrealidade, como certos tabus e ideias que tornam sagrados certos objetos e certos antepassados.

As origens da família, a história de seus ancestrais, o vínculo entre temporalidades e alianças inconscientes são elementos transmitidos entre as gerações que garantem a integridade narcísica da família, o sentimento de pertencimento e a identidade familiar (EIGUER, 1985). O mito alicerça a família e inscreve seus membros na linhagem por ser via de resolução de contradições. A recusa ao mito tem o sentido de negar a dependência primordial e relativamente contínua humana, equivalendo à oposição ao amor filial e aos alicerces narcísicos que sustentam os vínculos.

Ruffiot (2011) afirma que o mito é uma transposição e uma explicação do real, mediado pelo imaginário, que permite o acesso a uma leitura primária do universo e do mundo subjetivo. Estando na gênese do psiquismo, ele fomenta o circuito fantasístico, repercutindo nas fantasias originárias e na produção de representações de carga simbólica. No plano representativo, a família constrói uma imagem grupal idealizada de suas origens, conhecidas ou perdidas no tempo: a genealogia, ainda que seja uma história mitificada, repercute na sensação de reconhecimento e de pertencimento à linhagem. O mito é, assim, um modo de resolução de desilusões e descontinuidades, favorecendo a elaboração dos lutos. Em contrapartida, diante de funcionamentos familiares proble-

máticos, dão-se mitos patógenos que operam por mecanismos defensivos e ritos aprisionadores.

O mito familiar precisa ser aceito e introjetado, por seu caráter identificatório, sem que o questione ou o desafie. Segundo Almeida-Prado (2000), os aspectos de falsidade ou de ilusão do mito se manterão em segredo para promover estabilidade, alimentar o narcisismo vigente do grupo e a ligação entre seus membros. A autora assinala que o mito é suscetível a reinterpretações em vários níveis, funcionando como um objeto transicional coletivo, ligado ao conhecimento, ao pertencimento e à identidade. Todavia, se as fraturas familiares inerentes à passagem do tempo não forem recobertas pelo mito, apresenta-se o mito canônico (ALMEIDA-PRADO, 2000), diante do qual não existe diferenciação entre passado e presente, grupal e singular, familiar e estranho, e sim, imutabilidade, enrijecimento, e ratificação de lutos não elaborados.

Como conclui Almeida-Prado, em toda manifestação de sofrimento psíquico existe uma inscrição falha do mito familiar. Neste ponto, podemos diferenciar os mitos dos fantasmas, sendo os primeiros vinculados à genealogia, parte da corrente geracional que viabiliza representação fantasmática e histórica, articulando presente, passado e futuro e ensejando os processos de singularização, e os segundos, parte de uma transmissão que impõe ao eu a renúncia de sua autonomia e ameaça a sua integridade – lacunas no inconsciente provenientes de segredos de outras gerações que nutrem a pouca diferenciação entre os membros da família.

A telescopagem entre as gerações

Haydée Faimberg, psicanalista argentina radicada na França, dedicou-se por anos à hipótese da dimensão narcísica do conflito edípico e das identificações alienantes onde três gerações estão condensadas – fenômeno nomeado de telescopagem de gerações. Para tanto, Faimberg (2001) relatou uma das situações clínicas que ensejaram suas proposições, na qual o paciente se apresentava por ausência psíquica. Ao se indagar "Onde o paciente está quando está ausente?", ela se reponde "está em outro lugar e em outro tempo". Percebe, então, que o vazio pode revelar um cheio demais, um objeto internalizado que não se ausenta. A manutenção do vínculo com a origem fica condicionada à anulação de partes do sujeito para e em si próprio – partes de si ficam em segredo de forma a garantir o vínculo com o objeto e entre as gerações. Porquanto, Faimberg depreende que o objeto sempre é um "objeto histórico".

Mediante a essas formulações, a autora avança ao dizer que a transmissão entre gerações pode repercutir de forma deletéria, levando à sujeição da criança em relação ao que venha de seus dizeres e de seus silêncios, ao prejuízo de acesso e de interpretação do seu próprio psiquismo, aludindo ao fato de sua sobrevivência psíquica estar aprisionada na versão narcísica dos pais. É assim que autora mostra como atua a violência simbólica das origens, muitas vezes também expressa nos fantasmas que assombram os descendentes através de uma transmissão alienante. O modo como os pais transmitem suas histórias aos filhos pode funcionar como intrusão e operar uma clivagem do eu da criança, dando margem a uma identidade negativa.

A transmissão alienante funciona como forma de impedir o acesso da criança às investigações, à curiosidade, em especial àquelas sobre si mesma, de forma a preservar o narcisismo parental. Faimberg sustenta que as identificações alienantes ficam subjugadas a um regime de regulação narcísica: os pais transmitem aos filhos um funcionamento narcisista defensivo para lidar com o desamparo e como resolução de dilemas intrapsíquicos advindos da intersubjetividade. A dimensão narcísica que circula pode desencadear a telescopagem entre três gerações ou mais; fenômeno clínico que aduz ao esmagamento inaudível do tempo entre as gerações, cujo prejuízo é a aquisição da alteridade.

Ao cunhar o conceito de telescopagem entre as gerações, ela enfatiza as identificações que ficam silenciadas entre as gerações e que surgem na clínica por meio da transferência. Essa problemática envolve um tipo de vínculo entre gerações no qual um processo identificatório condensa uma parte da história de uma geração na geração seguinte. O modelo identificatório em questão contribui para uma colagem entre presente e passado e o congelamento da temporalidade psíquica, mantendo um estado de permanência, de atemporalidade, o que ataca a organização da diferença entre as gerações. Isto porque as dimensões de tempo e espaço organizam as diferenças geracionais ao estabelecerem fronteiras entre os tempos passado, presente e futuro e entre o eu e os objetos.

A escuta da escuta é uma proposição clínica da autora: o reconhecimento de que o paciente é portador de verdades psíquicas que ele desconhece, e o analista também, o que demanda um enquadre analítico onde essas verdades possam ser escutadas. Assim, o analista se volta para escuta do modo com que o paciente escuta suas intervenções e silêncios. As leituras e mal-entendidos desenham as reconstruções das narrativas históricas por meio da historicização, o que contribui para restaurar a dialética desejo e identificação, tempora-

lidade e espacialidade. O passado se constitui como tal com o trabalho de desidentificação, que liberta o sujeito do imperativo do "sempre" (FAIMBERG, 2001, p. 84), tornando-o autor de sua biografia.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi apresentar ideias introdutórias e autores fundamentais para a discussão sobre a transmissão psíquica entre gerações, o que amplia a concepção de sujeito do inconsciente, constituído por heranças e ancestralidade, consequentemente, pelo grupo e pela cultura. O que nutre e adoece, liberta e aprisiona, são partes do mosaico humano singular constituído no plural.

No livro *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo narra a transmissão psíquica entre gerações de forma poética ao colocar que "por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda" (2017, p. 110). Mundos, tempos, legados, segredos, histórias e personagens figuram e compõem o sujeito singular plural e ecoam no sentimento de existência e de pertencimento. Tessituras que se fazem, se desfazem e se (re)fazem nos encontros, nas travessias e nos trânsitos, psíquicos e afetivos.

Consideramos de grande atualidade o enfoque na transmissão psíquica entre gerações, visto o momento de relevo de pautas sociais até então invisibilizadas, tais como as de gênero, de raça, de classe, de monogamia como norma, entre outras. A transgeracionalidade opera na esfera íntima das famílias e nos vínculos sociais, o que exige trabalho psíquico singular e coletivo no devir de novas alianças e pactuações – novas éticas que se desatem das heranças coloniais. Na clínica psicanalítica, essa chave de leitura já bem apregoada no trabalho com grupos, casais e famílias amplia o olhar e a escuta e contribui no manejo de sofrimentos psíquicos marcados por múltiplas temporalidades, a dos primórdios, a do traumático e a da ancestralidade.

Referências

ANZIEU, D. *Le groupe et l´inconscient*. Paris: Dunod, 1978.

ALMEIDA-PRADO, M. do C. C. *Destino e mito familiar*: uma questão na família psicótica. Rio de Janeiro: A Casa das Letras, 2000.

ABRAHAM, N.; TOROK, M. Maladie du deuil. In: *L'écorce et le noyau*. Flammarion, 1987.

AZEVEDO, M. M. dos A. *Os segredos que adoecem*: um estudo sobre o críptico adoecimento somático na dimensão transgeracional. Rio de Janeiro: Appris, 2021.

AULAGNIER, P. *A violência da interpretação. Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

EIGUER, A. *Um divã para a família*. Tradução de L. M. V. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. *L'inconscient de la maison*. Paris: Dunod, 2004.

EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

FERNANDES, M.I. A. (2005). Negatividade e vínculo: a mestiçagem como ideologia. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FREUD, S. (1893-95). *Estudos sobre a histeria*. Rio Janeiro: Imago, 1996. p. 27-310. (Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, 2).

_____. (1886). *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*. Rio Janeiro: Imago, 1996. p. 100-115. (ESB, 2).

_____. (1886). *A etiologia da histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 141-158. (ESB, 2).

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio Janeiro: Imago, 1996. p. 371-700. (ESB, 2).

_____. (1913). *Totem Tabu*. Rio Janeiro: Imago, 1996. p. 33-100. (ESB, 11).

_____. (1914). *A introdução ao narcisismo*. Rio Janeiro: Imago, 1996. p. 77-110. (ESB, 2).

_____. (1915). *A pulsão e seus destinos*. Rio Janeiro: Imago, 1996. p. 12-93. (ESB, 14).

_____. (1920). *Psicologia e análise do eu*. Rio Janeiro: Imago, 1996. p. 115-145. (ESB, 14).

_____. (1923). *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-80. (ESB, 19).

_____. (1930). *O mal-estar na civilização*. Rio Janeiro: Imago, 1996. p.65-149. (ESB, 21).

FAIMBERG, H. A telescopagem das gerações: a propósito da genealogia de certas identificações. In: KAËS, R. (Org.). *Transmissão da vida psíquica entre as gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 129-146.

FERREIRA, A. Family myth and homeostasis. *Archives of General Psychiatry*, v. 9, 1963. p. 457-463.

KAËS, R. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. *Um singular plural*: a psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Loyola, 2011.

MARTINS, L. M. *Performances do tempo* espiralar. Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PALERMO, F. R. *Tecendo laços e desatando nós*: a sensorialidade na clínica psicanalítica com famílias. Rio de Janeiro: INM editora, 2024.

RUFFIOT, A. *Fonction mythopoiétique de la famille*: Mythe, fantasme, délire et leur genèse. Le Divan Familial: Les Animaux familiers, n. 26, Paris: Editions in Press, 2011. p.143-164.

Tramitação

Recebido 03/06/2025

Aprovado 12/06/2026